

## Escola: “Uma Sinfonia de Luz, Cor e Inteligência”

Maria Lenilda Caetano França<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Educação pela ULHT/Lisboa-PT; Professora da Educação Básica do Estado de Alagoas; e-mail: tialenilda@yahoo.com.br

**RESUMO:** O texto analisa o artigo da filósofa portuguesa Olga Pombo (2003), *“O Insuportável Brilho da Escola”*, bem como, sublinha o pensamento de três pessoas, de diferentes campos profissionais, no que tange o papel da escola enquanto instituição de educação. No estudo, a escola é analisada amplamente, relacionando as idéias de Pombo (2003), que entende que a escola encontra-se em crise de identidade, com o pensamento da Hannah Arendt (1906-1975), e as diretrizes estabelecidas pela Constituição Federal (1988) e a LDBEN 9.394/96. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista estruturada. Esse artigo determina que a educação é um direito de todos, sendo obrigação e atribuição do Estado brasileiro ser responsável por fazer valer esse direito e a sociedade deve colaborar para assegurar que o ensino seja construtor da cidadania.

**Palavras-chave:** Educação, Qualidade escolar, Ensino.

**ABSTRACT:** The paper analyzes the article of the Portuguese philosopher Olga Pombo (2003), "The Unbearable brightness of the School" and underlines the thought of three people from different professional fields, regarding the role of the school as an educational institution. In the study, the school is analyzed extensively, relating the ideas Pombo (2003), which meant that the school is in an identity crisis, with the thought of Hannah Arendt (1906-1975), and the guidelines established by the Federal Constitution (1988) and LDBEN 9.394/96. As data collection instrument, we used a structured interview. This article states that education is a universal right, and duty assignment and the Brazilian State is responsible for enforcing this law and society must work together to ensure that teaching is builder of citizenship.

**Key-words:** education, school quality, school.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa a obra de Olga Pombo produzida em 2003, intitulada de “O Insuportável Brilho da Escola”, no qual a autora parte das reflexões de Hannah Arendt de 1954, em um trabalho sob título “A Crise da Educação”, acerca do qual faz uma abordagem para compreender a escola atual, partindo de três bases racionais assim postas:

1. Da existência de um mundo e uma sociedade em que as crianças são agentes autônomas e se devem governar a si mesmas;
2. Do exercício de uma pedagogia ou ciência do ensino com independência absoluta da matéria ensinada;
3. Da idéia de que só se sabe e compreende aquilo que se faz por si próprio.

Responde Olga Pombo as perguntas perseguidas pelo texto, emanadas daquilo que a autora nominou de equívocos advindos destas três razões abordadas em relação ao pensamento de Hannah Arendt.

Assim, á indagação sobre “o que pode fazer a escola”, Olga Pombo afirma que a escola pode fazer o que sempre fez, aquilo que mais nenhuma instituição pode fazer, aquilo que, se a escola fechasse as suas portas, deixaria absolutamente de ser feito (p.30). Ou seja, uma resposta encontrada em todo correr do artigo: deve ensinar, conhecimentos que a humanidade cristalizou lentamente de forma objetiva.

Quanto à questão que nos coloca a par de responder sobre o que se pode exigir da escola, Olga Pombo em dois tempos responde que a escola deve estar atenta às transformações dos saberes, à evolução e alargamento dos horizontes científicos, adaptando os currículos para ir de encontro às ondas das especializações, preparando as crianças para o domínio das novas comunicações como meio de tratar a enorme gama de informação disponível, criando o que a autora chama de uma “cartografia de navegação no turbulento oceano do saber” (p.31).

Na segunda tomada sobre o que se pode exigir da escola, Olga Pombo pondera que o ensino escolar há de ter como moldura toda beleza possível, dentro de um fulgor que explica, que faz ver, que ilumine para que o outro veja. Que a “escola seja executante de uma sinfonia de luz, cor e inteligência” (p. 31).

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista estruturada, pela preocupação com a fidelidade das experiências e interpretações e por ser uma técnica que apresenta uma qualidade de processo em movimento, que é a especulação da realidade pelo ponto de vista do autor social para que se possa conhecer o seu mundo (LAKATOS, 2001).

Uma entrevista estruturada é aquela em que as perguntas são previamente formuladas e se mantém uma preocupação em não fugir delas. O principal motivo deste empenho é a possibilidade de comparação com o mesmo conjunto de perguntas e que as diferenças deverão refletir diferenças entre os respondentes (LAKATOS, 2001).

Três perguntas foram confeccionadas e respondidas verbalmente, gravadas e transcritas com fidelidade. Esse processo permite que se permeie as características de cada entrevistado, aflorando em cada caso o cabedal de valores que existem no ser humano entrevistado.

Foram abordados três entrevistados de profissões diversas, cujos nomes foram modificados para as finalidades deste trabalho, para permitir que as respostas pudessem fluir sem embargos de qualquer sorte.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O artigo enfrenta uma realidade que se impôs emergente da modernidade, das mudanças da sociedade e do aumento de atribuições dos pais na luta pela sobrevivência. Trata-se de um texto que conclama a refletir sobre uma necessária separação de conceito e práxis sobre o que seja educação e ensino, dois fenômenos hoje tão mixados pelo condicionamento que se impôs pela necessidade de atender à demanda da falta de tempo e de qualidade educativa dos pais, que passar valores familiares e limites de condutas e convivência aos filhos.

As palavras de Pombo são de rara e simples clareza sobre suas intenções obstadas pela realidade hodierna. A autora tenciona que a escola:

...ensine as nossas crianças, que lhes permita, em 12 anos de escolaridade gratuita e obrigatória, e, de preferência, em mais quatro ou cinco anos de formação superior, adquirir os conhecimentos fundamentais que a humanidade foi lentamente construindo, as teorias explicativas básicas necessárias à compreensão geral do mundo em que vivem e dos seres que o habitam, as suas determinações históricas, filosóficas e artísticas mais decisivas, um domínio alegre e satisfatório da sua língua, outras línguas e outras maneiras de ver o mundo, destrezas físicas e intelectuais, ginástica dos corpos e dos espíritos. Transmitir tudo isso sem impor morais, sem apontar modos de vida, sem sugerir cenários de felicidade na Terra ou fora dela (2003, p.30) (nosso grifo).

Quando fala em transmitir sem impor morais ou apontar modos de vida, coisas afetas à família, Olga Pombo quer que simplesmente a escola ensine.

A nobreza do pensamento traçado no artigo está em prova, pois muitos preferem adequar a realidade e as necessidades a um outro discurso de aliança que finda por legitimar o que a escola "é" hoje em dia.

Josefina (Entrevistada) entendeu que a educação cabe à família, à escola, ao governo e à sociedade. Esse sentimento também faz parte de uma consciência social surgida da prática desse último século. As leis, inclusive, têm como fonte, os costumes e convenções sociais, pelo que, por exemplo, a lei maior do Brasil, a Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 205, reúne dentro do sentido de educação também o de ensino, num texto que assim se mostra:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional segue o mesmo diapasão, donde se depreende que o pensamento de Josefina corresponde a algo que já está grifado pela legislação brasileira, devendo ser observada por todo cidadão desta terra.

Esta questão também foi enfrentada por Olga Pombo (19-21) quando questiona o fato de, em Portugal, existir um Ministério da Educação que trata da instrução pública, fato que também ocorre aqui no Brasil, num sinal de que os conceitos de educação e ensino se encontram numa confusa fusão.

Em março do ano 2011, a brasileira Revista Nova Escola, especializada em pedagogia, apresenta reportagem cuja conclusão finda por cancelar a manutenção do atual estado de coisas. A respeitada revista cita duas situações como mitos que devem ser derrubados, propondo a articulação entre educação e ensino como meta, como se vê literalmente:

MITO 2: A função mais importante da escola é formar cidadãos.

**Por que é um mito** - Não se pode desvalorizar a cultura escolar propriamente dita para dar mais importância a dimensões extracurriculares.

**Por que derrubá-lo** - Não há como ser contra oferecer uma Educação integral aos estudantes e ensiná-los para a cidadania - idéia que começou a chegar à escola no fim do século 19. Nos últimos anos, inúmeros temas foram incorporados desenfreadamente ao currículo com esse objetivo. Porém isso não pode tomar mais tempo e energia dos professores do que atividades básicas, como a alfabetização e o ensino dos conteúdos de cada uma das disciplinas. Para dar conta dessa formação tão ampla, a articulação é o caminho. Outras instituições além da escola - como espaços culturais e associações comunitárias - podem contribuir com a aprendizagem de aspectos relacionados à cidadania e à cultura. [...]

MITO 4: Educação se aprende em casa. Cabe à escola apenas ensinar os conteúdos.

**Por que é um mito** - A escola, além de dar conta do currículo das disciplinas, também é um espaço de socialização, em que se aprendem regras de convivência e o respeito às diferenças.

**Por que derrubá-lo** - É papel da família, sem dúvida, orientar as crianças para que elas dominem algumas regras básicas de conduta. Essa tarefa, entretanto, não é apenas uma atribuição dos pais. A escola também é responsável por ensinar regras coletivas, que são valorizadas pela cultura da sociedade de que ela faz parte, e que nem sempre são seguidas em casa. É essencial para os estudantes ter outros adultos como referência, além da própria família. O professor, certamente, é um deles e, por isso, pode causar um impacto muito positivo na vida deles.

Vê-se que há um certo consenso em que a escola também é responsável por educar. É a realidade se impondo à racionalidade tão belamente posta no artigo de Olga Pombo. Mas o argumento da derrubada dos mitos acima expostos somente se sustenta se admitirmos que a família está em “falência educativa”. Ou seja, se a família tivesse excelência na educação que historicamente lhe cabe os mitos não existiriam e não haveria razão de a autora se cuidar deste problema.

A força dos fatos se apresenta tão clara que leva pessoas como o entrevistado Gladston, quando perguntado se escola consegue educar ao mesmo tempo em que transmite conhecimento, a afirmar que “educação se aprende em casa” e, logo depois, dizer que: “Hoje em dia a escola tem que fazer isto. São os novos tempos e a realidade da nossa vida pede isso”.

Gladston e os outros entrevistados clarificam que a consciência atina na contramão da imposição do fato e da realidade. Existe o sentimento da necessidade da maior presença educativa da família, mas esta não tem como fazê-lo ante a as exigências da vida moderna. Daí a solução mais a prática: derrubar mitos e conciliar dentro da escola a educação e o ensino: lamentável realidade.

## CONCLUSÃO

O belíssimo artigo de Olga Pombo aponta quão mais fácil seria a tarefa da escola se ela somente centrasse seus esforços naquilo a que originariamente se vocacionou, ou seja, no ensino.

Olga Pombo traça, com pujante clareza, um “dever ser” da escola ao tempo que lamenta o que ela “é” quando se propõe a acorrer às necessidades e dificuldades dos pais, findando por se sobrecarregar com funções de competência familiar, o que gera sua ineficiência para cumprir seu mister de transmissão do conhecimento.

Ainda assim me seduz e me convence a argumentação de Olga Pombo, porque é o ideal. Porque esse ideal deve ser perseguido. Porque levanta a suspeição sobre o paradigma dominante, apontando para o rumo que seria a solução do problema enfrentado pela autora no artigo. Porque, em fim, sendo o ensino a razão original da invenção da escola e primazia desta, não há melhor desígnio para ela senão o de transmitir toda uma carga cultural existente e clamando por ser meramente ensinada aos alunos. No dizer de Olga Pombo é “dar a ver, iluminar para que o outro veja” (p.31).

## REFERÊNCIAS

Revista Nova escola, ano XXVI, editora abril, número 240, março 2011, p. 38, 39

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LDBEN - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - Portal Mec - Ministério da Educação, Brasília/DF. Acesso em 02/04/2011.

POMBO, Olga Maria Martins. [O insuportável brilho da escola](#). In: Alain Renaut et al. Direitos e responsabilidades na sociedade educativa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 31-59.

[www.planalto.gov.br/constituicao](http://www.planalto.gov.br/constituicao). Acesso em 28/03/2014.